

**SUBSÍDIOS PARA UM PROJETO ECOLEXICOGRÁFICO: AS PALAVRAS  
ECOLÓGICAS E O ECOVOCABULÁRIO**

***SUBSIDIES FOR AN ECOLEXICOGRAPHICAL PROJECT. ECOLOGICAL WORDS  
AND ECOVOCABULARY***

Prof. Dr. Davi Albuquerque  
Universidade de Brasília  
albuquerque07@gmail.com

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar a Ecolexicografia, seu projeto ecolexicográfico, que consiste na elaboração de um ecovocabulário, e o que são as ecopalavras. Para tanto, faz-se necessário expor os fundamentos teóricos da Ecolinguística e da Ecolexicografia, destacando-se nesta a estrutura do verbete ecolexicográfico. Assim, após uma introdução sobre a Ecolinguística, será apresentada a Ecolexicografia, em (1); para, em seguida, apresentar a metodologia em Ecolinguística e Ecolexicografia, em (2); em (3), serão descritas cada uma das etapas do procedimento metodológico para a elaboração do ecovocabulário; em (4), serão tecidas as considerações finais.

42

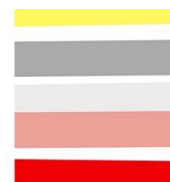
**Palavras-chave:** Lexicografia; Ecolinguística; Ecolexicografia; Ecovocabulário; Ecopalavras.

**Abstract:** *This paper aims to present ecolexicography, the ecolexicographical project, which is the elaboration of ecovocabulary, and to define the ecowords. Thus, it is described theoretical aspects of ecolinguistics and ecolexicography, emphasizing the differentiated structure for word entry. After an introduction on ecolinguistics, ecolexicography will be presented, in section (1); it will be discussed methodology in ecolinguistics and ecolexicography, in section (2); in section (3), the steps towards the elaboration of an ecovocabulary will be described; in section (4), the final considerations will be made.*

**Keywords:** *Lexicography; Ecolinguistics; Ecolexicography; Ecovocabulary; Ecowords.*

## **Introdução**

A Ecolexicografia parte de uma nova mentalidade (popular, acadêmica e científica) que se preocupa com a vida, as relações, a manutenção de nossa espécie e das demais, bem como do planeta Terra. Esta disciplina pode ser considerada independente, ou como um ramo da Lexicografia ou da Ecolinguística. Porém, independente de sua classificação, a Ecolexicografia



parte dos ensinamentos da Ecologia Biológica, da Ecologia Profunda e da Ecologia Social para elaborar uma ciência e uma técnica que tem como objetivo estudar/ registrar o léxico sob esses pontos de vista distintos.

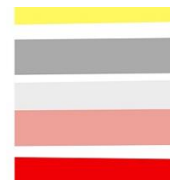
De acordo com o que será discutido nesta introdução e no decorrer deste trabalho, a Ecolexicografia está relacionada com a Ecolinguística, porém aquela se encontra num estágio ainda incipiente, com um número reduzido de publicações dedicadas ao tema, destacando-se somente Sarmiento (2000, 2002, 2005) e Albuquerque (2018a, 2018b, 2019). Assim, muitos dos conceitos apresentados por esses autores serão retomados aqui. O objetivos deste artigo, além de expor alguns conceitos básicos da Ecolexicografia e diferenciá-la da Ecolinguística, são os seguintes: definir as palavras ecológicas, ou ecopalavras, e seus diferentes tipos dentro de uma língua; e fornecer subsídios para que se desenvolva um projeto de Ecolexicografia, que se trata da elaboração de um ecovocabulário, a ser usado para o emprego em sala de aula num contexto de uma Educação sensível ecologicamente, como no Ecoletramento, Educação do Campo, entre outras modalidades.

No âmbito da Ecolinguística, alguns autores se preocuparam com estudos ecológicos do léxico e com uma análise ecológica de dicionários, o que chamamos de metaecolexicografia, a partir da década de 1980, porém nenhum deles utilizaram o termo ‘ecolexicografia’, tampouco tinham como objetivo desenvolver uma disciplina/ técnica distinta. Isso se deu somente com o trabalho de Sarmiento (2000) que propôs primeiramente o termo ‘ecolexicografia’. Este autor desenvolveu o que vem a ser a proposta ecolexicográfica em publicações posteriores (SARMENTO, 2002, 2005). Da mesma maneira, ele forjou os termos das subáreas afins as quais ficariam em aberto para pesquisas futura, assim como seu desenvolvimento teórico-metodológico, a saber ‘ecolexicologia’, ‘ecoterminologia’ e ‘ecoterminografia’ (SARMENTO, 2005, p. 92).

Devido à relação próxima entre Ecolexicografia e Ecolinguística, vale a pena tecer algumas palavras sobre esta, antes de continuar com o tema deste texto. A Ecolinguística é definida como o estudo das relações entre língua e meio ambiente. A concepção desta disciplina data da década de 1970, com o linguista Einar Haugen (1972)<sup>1</sup>. Esta abordagem vem sendo refinada por seus praticantes nos últimos anos. Assim, a Ecolinguística apresenta diversas

---

<sup>1</sup> Para uma história da Ecolinguística, ver Fill (2015) Fill e Penz (2017). Para um histórico das diferentes abordagens ecológicas para os estudos da linguagem, enfatizando a contribuição de Haugen, ver Lechevrel (2011). Para uma história da disciplina e do emprego do termo ‘ecolinguística’, ver Couto (2014).

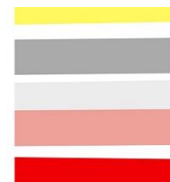


teorias, ramificações, metodologias e faz interface com diversas áreas do conhecimento e da Linguística, destacando-se a Ecolexicografia, conforme já foi dito. Porém, vale ressaltar que mesmo a Ecolinguística sendo elaborada como uma alternativa, bem como uma crítica, a certas práticas vigentes (que visam destruir as diversas formas de vida, reificar a natureza, encarar o mundo como um instrumento etc.), ainda assim ela continua sendo mal vista ou até desconhecida por parte significativa dos pesquisadores. Por isso, faremos uma breve exposição a seguir.

A Ecolinguística parte da Ecologia Biológica, que se preocupa com os organismos, as interações e o ecossistema. Ademais, a Ecologia tem sido definida como sendo o estudo científico das interações entre os organismos de determinada área e seu meio ambiente, tais como as interações entre organismos (ODUM, 1971, p. 8), enquanto o ecossistema consiste nas interações entre os organismos numa determinada área, levando em consideração seu meio ambiente. Essas interações podem se dar tanto entre os organismos e o meio, quanto entre os diferentes organismos.

Desta maneira, a Ecolinguística distingue duas posturas para o estudo ecológico das línguas, uma que se preocupa com as relações entre as línguas, e as línguas com o meio ambiente, outra que investiga as inter-relações existentes em uma língua. Esta distinção foi elaborada inicialmente por Makkai (1993), que propôs a terminologia de ‘linguística exoecológica’ para a primeira, e ‘linguística endoecológica’ para a segunda. Couto (2007, 2013, 2015) em sua teoria Ecolinguística, a Linguística Ecológica, também adota a distinção de Makkai (1993, 2015, 2016). Outro linguista, Calvet (1999) faz essa mesma separação, porém chama de ‘macrolinguística’ e ‘microlinguística’. Essa exoecologia linguística estuda as relações entre as línguas, entre língua e seus falantes, e entre língua-território. Já a linguística endoecológica dedica-se ao sistema da língua ou aos níveis de análise, com isso é possível falar de um ‘ecossistema sintático’, ‘ecossistema morfológico’, ‘ecossistema fonológico’, entre outros.

Na visão de Couto (2013, 2015), o ecossistema linguístico se organiza da mesma maneira que o ecossistema biológico, somente com alguns elementos distintos. No ecossistema linguístico, há uma população (P) de organismos ou de falantes; suas interações (I), que ocorrem por meio da língua; e o território (T) ou meio onde ocorrem tais interações ou uso da língua pelos falantes.

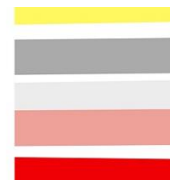


Digno de nota é que o ecossistema é o conceito fundamental da Ecologia, enquanto ‘interação’ é o do ecossistema. Da mesma maneira, para a Ecolinguística as interações comunicativas são um conceito-chave. As interações organismo-território, no âmbito da Linguística, equivalem à ‘referência’ e as interações organismo-organismo são a ‘comunicação’. Outros elementos da Ecologia e do ecossistema que fazem parte da Ecolinguística são: o holismo, as inter-relações, a adaptação, a evolução, a porosidade, a diversidade e a visão de longo prazo.

Como tanto a Ecolinguística, quanto a Ecolexicografia são disciplinas recentes e ainda em desenvolvimento, o número de conhecedores e/ou praticantes é reduzido, mesmo com a atual necessidade de se modificar a visão de mundo perniciosa que nossa sociedade apresenta e a urgência de se cuidar do meio ambiente, sendo que este é apenas um dos três grandes níveis em que a Ecolinguística procura atuar (FILL & PENZ, 2017, p. 441).

De acordo com Fill & Penz (2017, p. 442), esses três níveis de atuação da Ecolinguística são: o da diversidade linguística e as áreas afins; as relações ‘língua-discurso-meio ambiente’, verificando de que maneira a língua e o discurso interferem nos problemas ambientais; e da Ecolinguística como uma ciência transdisciplinar, ou seja, os aspectos teórico-filosóficos desta abordagem. A Ecolexicografia ao estudar os impactos (positivos e negativos) das palavras no mundo, ou seja, no ecossistema se preocupa principalmente com as interações entre língua, discurso e meio ambiente, mas também não deixa de lado o caráter interdisciplinar, já que a Ecolexicografia leva em conta aspectos da Lexicografia e da Ecolinguística, estas, por sua vez, se relacionam com uma série de disciplinas, como sociolinguística, linguística de corpus, pragmática, entre outras.

Para justificar o crescimento e a importância para os estudos científicos e para o cenário brasileiro, de acordo com um levantamento recente de Fill (2017, p. 5), a Ecolinguística é ensinada em cursos universitários ou apresenta grupos de estudos/pesquisas com eventos nos seguintes países: Alemanha, Áustria, Japão, Dinamarca, Itália, China, Brasil, entre outros. Recentemente, alguns países latino-americanos também demonstraram interesse na Ecolinguística e nos estudos ecolinguísticos brasileiros, principalmente Argentina e Bolívia. No Brasil, é possível destacar Brasília e Goiânia, que possuem cursos na pós-graduação, bem como dissertações e teses, em andamento e concluídas, sobre Ecolinguística, mas também há registros de dissertações de mestrado que versam sobre Ecolinguística em programas de pós-graduação de universidade de outros estados. Ademais, há o periódico *Ecolinguística: Revista*



*brasileira de ecologia e linguagem* (ECO-REBEL), criado em 2015; o *Encontro Brasileiro de Ecolinguística* (EBE), que ocorre regularmente desde 2012 e se encontra em seu quarto evento, no ano de 2018; *Encontro Brasileiro de Imaginário e Ecolinguística* (EBIME), que também ocorre regularmente, mas foi criado em 2013 e ocorreu o terceiro no ano de 2017 (com o quarto evento previsto para este ano de 2019), estando relacionado ao *Núcleo de Estudo de Ecolinguística e Imaginário* (NELIM), fundado em 2008 na Universidade Federal de Goiás (UFG) e na ativa<sup>2</sup>.

Após esta introdução, discorreremos sobre aspectos teóricos e metodológicos da Ecolexicografia, respectivamente nas seções (1) e (2); posteriormente, em (3), apresentaremos as propostas de pesquisa em Ecolexicografia, enfatizando a elaboração dum ecovocabulário; para em (4) tecer nossas considerações finais.

## 1. Aspectos teóricos da Ecolexicografia

46

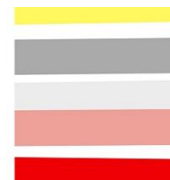
A Ecolexicografia, conforme já apontamos e a definimos, pode ser encarada tanto como uma ciência, quanto uma técnica<sup>3</sup>. Como ciência, dedica-se à elaboração de obras ecolexicográficas; como técnica, se preocupa com a análise de macroestruturas e microestruturas com o aporte ecolinguístico, ou seja, a Metaecolexicografia. Ademais, Ecolexicografia também pode ser uma disciplina teórica, sendo uma área de reflexões que busca responder uma série de questões sobre os saberes e os fazeres ecolinguísticos e ecolexicográficos.

Ao ser encarada como uma área da Ecolinguística, a Ecolexicografia tem como objetivos os mesmos três níveis mencionados anteriormente (FILL & PENZ, 2017), já que em seus aspectos teóricos procura responder uma série de questões, principalmente relacionadas ao papel que as palavras podem assumir em nosso mundo e quais são os elementos ecológicos

---

<sup>2</sup> Sobre uma retrospectiva da Ecolinguística no Brasil na última década, bem como um balanço de seus projetos, resultados e contribuições, ver Araujo (2017) e Couto (2017).

<sup>3</sup> O presente artigo, conforme será apontado no decorrer do texto, baseou-se na escassa bibliografia existente sobre a Ecolexicografia, a saber: Sarmiento (2000, 2002, 2005) e Albuquerque (2018a, 2018b 2019), e muitas vezes reitera o que já foi dito nestas publicações. O que se aponta como original neste texto é uma proposta inicial para um projeto ecolexicográfico, que se trata da elaboração de um ecovocabulário, juntamente com a delimitação e o refinamento das definições das palavras ecológicas, o que não havia sido feito até o presente.



existentes nas línguas, como estes influenciam a visão de mundo do falante, como modificam o mundo, como podem ser identificados, analisados, divulgados etc.

Desse modo, a Ecolexicografia procura contribuir com a crítica da língua “tanto em termos do par, língua e meio ambiente, bem como de uma crítica ao sistema interno da língua” (SARMENTO, 2005, p. 89), com o Ecoletramento e a expansão da teoria ecolinguística. Com isso, vários temas teóricos e práticos estão relacionados com essa área, entre eles: revitalização linguística e línguas ameaçadas; política linguística (preconceito, planejamento, imperialismo etc.); língua e paz; Ecolinguística e ensino; ecologização de línguas; as mentalidades dos falantes; a Declaração dos Direitos Linguísticos (SARMENTO, 2005, p. 90).

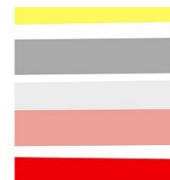
Sarmento (2002, 2005) em sua exposição sobre a Ecolexicografia lista seis proposições desta disciplina e uma série de perguntas que ela procura responder. As proposições da Ecolexicografia são as seguintes<sup>4</sup>:

- 1) A Ecolexicografia não trata da elaboração de dicionário de Ecologia ou de termos ecológicos. Consiste num trabalho de reflexão e elaboração de verbetes de dicionários pensando nos efeitos e resultados que cada lexema traz aos indivíduos (espécie interagindo dentro do ecossistema) e para o planeta (o ecossistema);
- 2) A Ecolexicografia não se relaciona diretamente com a Terminologia e a Terminografia, ou seja, a Ecolexicografia está para a Ecoterminografia do mesmo modo que a Lexicografia está para a Terminografia;
- 3) O radical *eco-* é delimitado, estando relacionado com a Ecologia Biológica e, conseqüentemente, com a lógica e os efeitos<sup>5</sup>;
- 4) Ao não ser empregado de maneira aleatória, ideológica ou politicamente correta, o elemento ‘eco-’ ou ‘ecológico’ na Ecolexicografia está em harmonia com a proposta teórica e prática da disciplina, já que é possível apontar as oposições formais (boas x más) e dialógicas, tais como efeitos nocivos, perniciosos etc., nas definições do verbete

---

<sup>4</sup> Vale lembrar que tanto as proposições da Ecolexicografia, quanto as perguntas que ela procurar responder, que serão apresentadas a seguir, foram retomadas por Albuquerque (2018a, 2018b, 2019), expondo-as de maneira distinta e modificando alguns aspectos teóricos necessários à luz dos desenvolvimentos recentes da Ecolinguística.

<sup>5</sup> A terceira proposição é importante pelo fato de deixar claro o significado de *eco-* dentro das disciplinas ecológicas, especificamente na Ecolexicografia e na Ecolinguística, pois tal radical não é empregado da maneira informal ou político-ideológica, como vem sendo utilizado na atualidade, com significados apenas de estilo de vida (alternativo, hippie), hábitos alimentares (vegano, vegetariano), protestos específicos (contra casacos de pele, contra caça etc.).



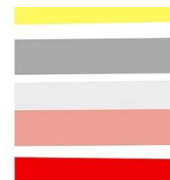
- ecolexicográfico, não apresentando, assim, apenas o lado bom ou utópico do elemento ecológico;
- 5) A Ecolexicografia não descarta os avanços alcançados pela Lexicografia, ela tem como um de seus objetivos oferecer subsídios aos lexicógrafos para repensar a estrutura dos verbetes, com novas ideias e elementos, apontando também novos usos para o dicionário em sala de aula (ensino mais holístico e menos antropocêntrico; apresentar uma nova maneira de pensar e agir, a chamada Visão Ecológica de Mundo (VEM); Ecoletramento etc.) e fornece novas ferramentas para metalexícógrafos realizarem suas análises;
  - 6) A Ecolexicografia como disciplina tem suas origens na Lexicografia e na Ecolinguística, bem como mantém e expande as relações com as demais áreas afins.

Já as perguntas que a Ecolexicografia procura responder com o avanço de seus estudos estão focadas nas relações entre as palavras/ a língua, o falante e o mundo, ou seja, palavra-falante-mundo. Entre essas perguntas, as principais são (SARMENTO, 2005, p. 94):

- a) Palavra-mundo:
  - Qual o papel das palavras no ecossistema?
  - Como uma palavra pode criar, manter ou destruir um ecossistema?
- b) Palavra-falante-mundo:
  - Como encontrar os elementos ecológicos e não ecológicos nas línguas?
  - A língua influencia a visão de mundo, ou vice-versa?
  - Como medir as influências da língua sobre a visão de mundo? E da visão de mundo sobre a língua?
  - Como pode uma palavra ecologizar uma língua ou ser um elemento ecológico nela?
  - Quais funções uma ecopalavra possui no ecossistema<sup>6</sup>? E qual poder ela tem de alterá-lo para melhor ou pior?

---

<sup>6</sup> As ‘ecopalavras’ ou ‘palavras ecológicas’ podem ser definidas como palavras específicas que apresentam efeitos e/ou resultados benéficos para o indivíduo ou para o mundo. Dessa forma, há também as ‘palavras antiecológicas’, que apresentam efeitos/ resultados negativos, e as ‘não ecológicas’ em que tais parâmetros não se aplicam. Para um estudo das ecopalavras, ver Albuquerque (2019). Ainda falaremos desses conceitos na seção seguinte.



c) Palavra-falante:

- Como se pode contribuir para promover as ecolavras?
- Uma ecolavra, ou várias delas, podem contribuir para o ecoletramento e mudança ou formação de uma nova visão de mundo, a VEM?
- Como deve proceder o ecolexicógrafo diante de palavras anti- e não-ecológicas?
- Qual deve ser o posicionamento do ecolexicógrafo em relação às palavras anti- e não ecológicas (descritivo, normativo, reflexivo, analítico etc.)?

Estas questões levantadas pela Ecolexicografia ainda permanecem sem respostas, pois serão as pesquisas e debates futuros que as responderão, porém Albuquerque (2019) ofereceu sucintamente algumas soluções, sugestões e exemplos para servirem como guia aos ecolinguistas e demais interessados nesta disciplina.

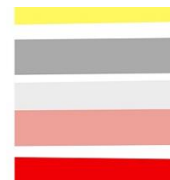
Os estudos em Ecolexicografia ainda estão em estágio inicial, porém, de acordo com a proposta original de Sarmiento (2002, 2005), é possível perceber que esta disciplina possui um aporte teórico importante, bem como um projeto para várias pesquisas que ainda se encontram em aberto. Ademais, há também na Ecolexicografia uma proposta metodológica, a qual falaremos a seguir.

Somente diante de acontecimentos negativos do cenário mundial atual é que se começou a questionar alguns aspectos ecológicos das interações e nas escolhas que fazemos de palavras e demais estruturas em nossa língua, e como tudo isso pode afetar a nós mesmos, aos outros, a outras espécies e ao mundo. Sarmiento (2000, 2002, 2005) já havia antecipado isso, bem como Halliday (2001 [1990]) num trabalho pioneiro que causou um impacto nos estudos linguísticos (no reconhecimento de que a língua, e seu uso, corroboram e possuem impacto nos problemas ecológicos dos dias de hoje) e uma referência fundamental da Ecolinguística.

## 2. A metodologia do trabalho ecoléxico-gráfico

A pesquisa em Ecolexicografia está apenas em estágio inicial, conforme afirmamos anteriormente. Por isso, Fill (2001) enfatiza que uma das tarefas da Ecolinguística para o século XXI é exatamente investigar as relações entre língua e meio ambiente, e língua e visão de





munho<sup>7</sup>. Para mantermos a discussão desses problemas somente no campo da Ecolexicografia, e não se expandir para a Ecolinguística, utilizamos as ideias de Sarmiento (2005), que propõe questionamentos a respeito de ‘ecopalavras’ e ‘ecoexpressões’, que seriam aquelas que trariam benefícios ao falante e ao ecossistema quando empregadas ou praticadas, em contrastes com palavras e expressões que seriam não ecológicas, e a elaboração dum vocabulário ecológico ou ecovocabulário (SARMENTO, 2002).

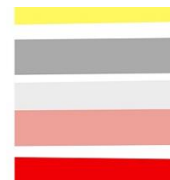
Assim, antes de falarmos da metodologia, definiremos as ecopalavras e o ecovocabulário, que se tratam de dois elementos importantes para a pesquisa ecolexicográfica e para os objetivos deste artigo.

Em Albuquerque (2019), foi inserida uma discussão a respeito das questões levantadas pela Ecolexicografia, bem como uma contribuição original, já que Sarmiento (2002, 2005) não define o que seriam as palavras/expressões ecológicas, tampouco diferencia o que seriam os elementos não ecológicos e os antiecológicos. Dessa maneira, Albuquerque (2019) considerou importante definir e delimitar tais palavras/expressões. Assim, há as palavras não ecológicas, as quais as características ecológicas não se aplicam, e antiecológicas, as quais trazem malefícios ou prejudicam uma espécie ou o ecossistema. Ademais, duas observações para o esclarecimento das ecopalavras precisam ser ditas. Primeiro, o termo ‘expressões’ equivale a locuções. Segundo, uma mesma palavra ou entrada num ecovocabulário pode ser ecológica, antiecológica ou não ecológica, a depender de seu uso juntamente com os efeitos e resultados deste uso.

Conforme definimos anteriormente, se as ecopalavras são aquelas que apresentam efeitos positivos, sendo eles os efeitos: criativos (EC), mantenedores (EM) e fortalecedores (EF), voltaremos a este tema adiante, quando descrevermos a estrutura do verbete ecolexicográfico, o ecovocabulário, que nos propomos a fornecer subsídios neste artigo e organizar como fruto duma investigação futura, consiste na compilação de ecopalavras, bem como da elaboração do verbete ecolexicográfico para elas, visando tanto contribuições acadêmicas (estimular os pesquisadores nas áreas da Lexicologia e Lexicografia, Semântica,

---

<sup>7</sup> Os elementos linguísticos não ecológicos são aqueles que levam à fragmentação entre seres humanos e animais (ou animados x inanimados, alienável x inalienável, entre outros), como: separação entre humanos, animais e plantas; a causalidade, que pressupõe controle e superioridade; o sistema pronominal; a marcação de posse; expressões temporais e marcação das categorias TMA. Essa fragmentação nos sistemas linguísticos é chamada pelos ecolinguistas de antropocentrismo linguístico (FILL, 2001, p. 67).



Pragmática, Linguística de Corpus; Biologia; Ecologia; área da saúde em geral etc.), quanto pedagógicas (Ecoletramento nos ensinos fundamental e médio).

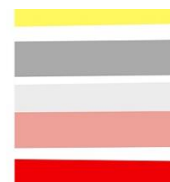
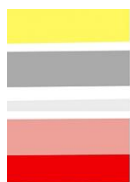
Na Ecolinguística, há uma preocupação com o estudo do léxico, principalmente pelo fato de ser por meio dele que se percebe uma relação aparentemente mais imediata entre língua-mundo, desde seu estabelecimento como disciplina na década de 1990, com os trabalhos de Trampe (1990) e Halliday (2001 [1990]), e nos primeiros manuais de Ecolinguística, de Fill (1993) e Makkai (1993). Há vários ecolinguistas que abordaram esse tema, porém a maioria deles foi de maneira apenas pontual, procurando relacionar o estudo do léxico, ou de aspectos lexicográficos, com a fragmentação linguística ou no âmbito dos discursos ecológicos. Destacamos aqui as contribuições basilares de Trampe (2001, 2017) e de Sarmiento (2002, 2005).

Começaremos discutindo os trabalhos de Wilhelm Trampe para, em seguida, detalhar a proposta de Sarmiento. As publicações de Trampe (2001, 2017) são de interesse também pelo fato de o autor ter focado sua pesquisa, no decorrer de décadas<sup>8</sup>, nas estratégias de ‘eufemização’ em diferentes gêneros textuais, principalmente dicionários, tanto para o mundo anglófono, como germanófono. Digno de nota é Trampe (2001), em que é feita uma análise dos dicionários de agronomia. Neste trabalho, o autor observou em seus dados quatro tendências que os lexicógrafos costumam a empregar quando tratam de lexemas biológicos e ecológicos (TRAMPE, 2001, p. 238):

- Reificação, tratamento de certos seres vivos como coisas (bens de produção ou consumo), ex. ‘boi/vaca’ é uma mercadoria, a inseminação ocorre no ‘recipiente’ e não na ‘vaca’;
- Emprego de eufemismo<sup>9</sup> (e outros mecanismos linguísticos) para esconder certos fatos que podem ser encarados como violentos para o consumidor ou público em geral, ex. ‘pesticida’ é substituído por ‘instrumento de proteção para a plantação’; ‘remédios’, ‘vacinas’ e ‘químicas’ administradas aos animais são referidos como ‘coquetéis’;
- Difamação da agricultura tradicional/ de subsistência por meio de rótulos ou mentiras, como: ‘improdutiva’, ‘dispendiosa’ etc.;

<sup>8</sup> Para uma bibliografia das pesquisas de Trampe sobre o eufemismo, ver Trampe (2017, p. 325).

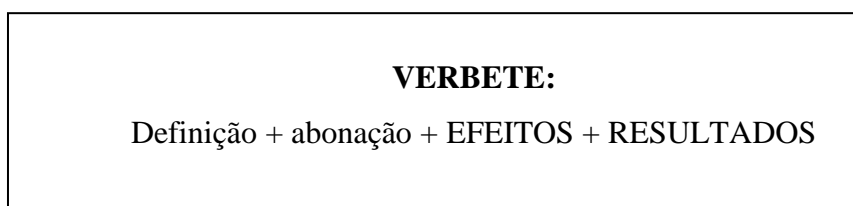
<sup>9</sup> Em Trampe (2017), há uma análise ecolinguística do emprego do eufemismo e das estratégias de eufemização, sendo elas: utilidade, reificação e emprego/ criação de tabus.



- Emprego de slogans e elementos fraseológicos para convencer a população que a destruição do ecossistema é algo natural/ inevitável ou até mesmo para disfarçar tal destruição, afirmando-a como algo bom, ex. ‘bom para natureza, bom para todos’, ‘criar mais riqueza para todos’.

Essas quatro tendências também servem como um subsídio metodológico para a análise de dicionários e da linguagem empregada pelos lexicógrafos, pois, caso estes a mantenham, acabam por corroborar e reafirmar a linguagem antiecológica da visão econômica de mundo, que é fragmentada, afastando cada vez mais o ser humano das demais espécies e da natureza.

Ao nosso ver, as principais contribuições da proposta da Ecolexicografia de Sarmiento (2002, 2005) à Lexicografia são duas: a estrutura do verbete ecolexicográfico (fig. 1) e uma nova visão de mundo para os estudos lexicográficos e lexicológicos, a VEM<sup>10</sup>. Discorreremos separadamente a respeito das duas contribuições abaixo:



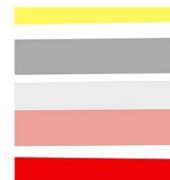
**Figura 1** – Microestrutura do verbete ecolexicográfico (SARMENTO, 2005, p. 91, adaptado)

De acordo com a fig.1, o verbete ecolexicográfico se baseia na Lexicografia com a entrada seguida pela definição e pela abonação, porém a novidade se encontra no fato da inclusão dos efeitos e dos resultados que a palavra-entrada oferece aos indivíduos e ao mundo em seus diferentes empregos. Ademais, é preciso especificar a definição, a abonação, os efeitos e os resultados.

A definição em Ecolexicografia é de natureza mista, fazendo uso das informações da definição lexicográfica somadas às da definição enciclopédica<sup>11</sup>. Na proposta da Ecolexicografia, Sarmiento (2002) não apresenta nada a respeito da definição e apenas menciona as abonações, mas não as explicando. Ainda, em Sarmiento (2005), é apresentada a estrutura do

<sup>10</sup> Uma discussão mais detalhada sobre o verbete ecolexicográfico, bem como exemplos e propostas de uso no contexto pedagógico se encontram em Albuquerque (2018a).

<sup>11</sup> Sobre os diferentes tipos de definição, principalmente o de ‘definição mista’ empregado aqui, ver Lehmann e Martin-Berthet (1998) e Pontes (2009). Em Albuquerque (2018a), há uma explicação das vantagens da definição mista para o verbete ecolexicográfico.

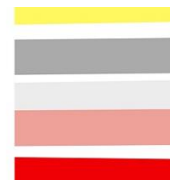


verbetes, mas não há exemplos nem maiores informações a sobre a definição e a abonação. Assim, em Albuquerque (2019), o autor sugeriu nas abonações ecolexicográficas fazer uso tanto de exemplos inventados (quando o ecolexicógrafo for falante da língua materna), quanto de abonações retiradas de diferentes corpora para que possa haver uma comparação entre os usos e significados variados<sup>12</sup>.

Já a respeito dos ‘efeitos’, Sarmiento (2005) lista cinco principais e suas respectivas siglas para ser empregue no verbete, que são eles: criativo (EC), mantenedor (EM), fortalecedor (EF), enfraquecedor (EE) e destrutivo (ED). Assim, cabe ao ecolexicógrafo, ou à equipe ecolexicográfica, descrever os efeitos que o emprego daquela ideia ou a prática dela têm nos indivíduos e no mundo. Segue um exemplo abaixo somente dos efeitos do lexema ‘casa’:

- *água*: 1. Composto químico formado por hidrogênio e oxigênio (H<sub>2</sub>O), que cobre grande parte da superfície terrestre e se encontra como elemento principal no organismo dos seres vivos. É insípida, inodora e incolor. 2. Base para a denominação de diferentes tipos de água ou substâncias líquidas, são benéficas ou maléficas ao ecossistema, como: ‘água potável’, ‘água capilar’, ‘água intersticial’ (benéfica), ‘água residuária’ (maléfica), ‘água oxigenada’, ‘água de cheiro’ (a depender de seu uso, caso usada corretamente é benéfica). 3. Devido às suas características estruturais (principalmente ao ser incolor), alguns animais recebem a palavra ‘água’ para sua denominação, como ‘água-viva’ e ‘mãe d’água’, ou derivados da flora, como ‘água de côco’. 4. Em registros informais, a água é empregada a fenômenos fisiológicos e naturais que estão relacionados ao estado líquido, como chuva e excreções do corpo. Ex. *Olha a água que vai cair! Tô na aguaceira pura*. 5. Também em registros informais a água é relacionada como algo mole, ralo ou fraco. Ex. *Esse molho é só água*. EC, a água é elemento que possibilita a vida, tanto sua criação, quanto sua manutenção (alimentação, reprodução, higiene, bem-estar etc.). EM, como a água é um elemento vital e consiste num percentual alto do organismo da maioria dos seres vivos, é preciso que todos eles ingiram grandes quantidades dela para se manterem vivos; EF, os seres vivos quando consomem quantidades de água corretas, nos momentos certos e água de qualidade, acabam apresentando melhorias na saúde, no metabolismo, em processos fisiológicos etc.; EE,

<sup>12</sup> Em Albuquerque (2018a, 2019), foi utilizada uma distinção entre os tipos de exemplos e abonação de acordo com Humblé (2001), Welker (2004) e Svénson (2009), a qual empregamos também no presente trabalho.



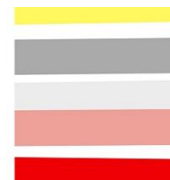
como existem diferentes tipos de água, alguns deles podem enfraquecer os seres vivos e o meio ambiente caso sejam usados de maneira irregular; ED, ainda sobre o uso irregular, a água caso não seja empregada de maneira satisfatória à natureza pode danificar ou até matar, caso de enxurradas, tsunamis, irrigações indevidas, consumo excessivo etc.

Em relação aos ‘resultados’, cabe ao ecoléxicógrafo ou à equipe ecoléxicográfica pensar o lexema de diferentes maneiras e suas consequências: como é analisado mentalmente pelos falantes; quais seus usos; quais usos poderia ter; quais relações com outros lexemas, ideias e práticas. Assim, as ferramentas que a Ecoléxicografia oferece ao pesquisador são os diferentes tipos de lógica, conforme listamos a seguir:

- A lógica formal e seu binário de opostos (ex. *biodiversidade x extinção; heterogeneidade x homogeneidade*);
- A dialética e o ternário de confluências (ex. *lixo > poluição, contaminação > reciclagem, compostagem, benefícios (ao meio ambiente); morte > malefícios, dor > natureza (morte natural), ciclos, alimento, vida*);
- Gradiente e as escalas, contínua e tipos;
- Dialogismo.

A metodologia em Ecolinguística foi discutida por Albuquerque (2015) e Couto (2013, 2018). Couto (2013) partilha de nossa ideia de que a Ecolinguística é uma ciência que apresenta uma nova maneira de ver e de estudar o fenômeno da linguagem, de maneira distinta da visão mecanicista tradicional. A metáfora utilizada pelo autor é aquela do observador dentro duma casa:

Em vez de olhar para seu objeto apenas por janelas (como a da sociolinguística, a da psicolinguística, a da análise do discurso, a da teoria sintática ou fonológica etc.), [a Ecolinguística] procura postar-se na cumeeira da casa, de onde terá uma visão global, holística de seu objeto, não o pequeno domínio visto da janela. Se em determinado momento precisar de dados minuciosos como a palatalidade consonantal ou algo semelhante, ele pode contratar os serviços de um fonólogo (ou ele mesmo executa o serviço, se tiver o conhecimento específico necessário). De mãos do resultado, retorna à cumeeira da casa a fim de avaliar os dados obtidos no contexto maior em que se encontra. Se ele se colocar no alto de uma montanha, como faz o linguista ecossistêmico, terá uma visão mais abrangente ainda. Uma vez que as disciplinas parcelares que lhe prestam serviços especializados vão com as respectivas metodologias, se quisermos falar em metodologia em



ecolinguística, em ecometodologia, ela só poderia ser multimetodológica e ter um caráter avaliativo dos resultados trazidos pelas disciplinas parcelares. Para tanto usa, como sempre, critérios e conceitos ecológicos. (COUTO, 2013, p. 290-291)

Porém, Couto (2013, p. 282) enfatiza que, mesmo com essa visão do todo, a Ecolinguística não é uma ciência ou teoria que estuda tudo (*theory of everything*), mas é uma visão holística da linguagem, que pode usar certos recursos de outras disciplinas para se estudar um fenômeno linguístico específico, sendo que esses recursos podem ser teóricos ou metodológicos<sup>13</sup>.

Assim, Couto (2013) considera não ser válido falar de uma metodologia ecolinguística, já que o ecolinguista acaba por fazer uso da metodologia de outras disciplinas, chamadas de ‘disciplinas parcelares’, e as interpretações dos dados e das análises é que seguirão os conceitos da Ecolinguística, considerando, assim, a metodologia da Ecolinguística como multimetodológica por causa de seu caráter interdisciplinar e multidisciplinar. Sarmiento (2002) também propôs algo semelhante para a elaboração do ecovocabulário, modificando apenas o termo para tal abordagem, baseando-se na abordagem multirreferencial de Arduino (1993).

55

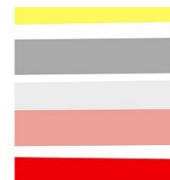
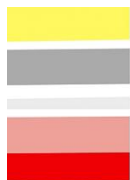
Os procedimentos metodológicos sugeridos e adotados para um projeto de elaboração de um ecovocabulário baseia-se, então, na multimetodologia. Nosso projeto fará uso de subsídios teórico-metodológicos da Ecolinguística (brevemente discutida na seção 1 deste artigo), da Lexicografia e das disciplinas parcelares, ou afins, principalmente daquelas relacionadas às ciências da natureza, com ênfase na Ecologia, Biologia, Química, Geologia, entre outras.

Assim, sugerimos seis etapas principais que compreendem as seguintes:

- 1ª etapa: selecionar um número específico de ecpalavras para compor o ecovocabulário;
- 2ª etapa: montar uma equipe ecolexicográfica, formada por lexicógrafos, ecolinguistas e profissionais de outras áreas;
- 3ª etapa: elaborar os verbetes ecolexicográficos;
- 4ª etapa: redigir um texto inicial para explicar as teorias, os usos e as aplicações duma obra ecolexicográfica e do ecovocabulário;
- 5ª etapa: divulgar os resultados em eventos linguísticos, educacionais e ecológicos;

---

<sup>13</sup> Albuquerque (2015) e Couto (2018) estudam as diferentes propostas metodológicas existentes para a Ecolinguística, como trabalharemos com a multimetodologia neste texto, bem como para a elaboração do ecovocabulário, não nos dedicaremos a uma discussão das demais propostas, para tanto, recomendamos a leitura de ambas as referências citadas.



6ª etapa: publicar o ecovocabulário.

Na seção 3, a seguir, detalharemos as etapas do que consistiria na elaboração duma obra ecolexicográfica, especificamente dum ecovocabulário.

### 3. A elaboração de um vocabulário com base ecolexicográfica: o ecovocabulário

O projeto ecolexicográfico principal consiste na elaboração, publicação e divulgação dum ecovocabulário e, conseqüentemente, das ecopalavras para, assim, mudarmos a visão de mundo atual e as práticas nocivas relacionadas a ela, contribuindo com a VEM e práticas saudáveis e sustentáveis.

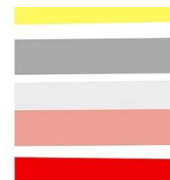
Desta maneira, seguindo a metodologia e os processos apontados na seção anterior, descreveremos aqui as etapas propostas por nós para a elaboração dum ecovocabulário as quais utilizaremos em nosso projeto para um futuro ecovocabulário de nossa autoria.

A 1ª etapa é a seleção dum número específico de ecopalavras para compor o ecovocabulário. Nesta etapa, o ecolexicógrafo deve consultar diferentes tipos de dicionários: língua portuguesa, escolar, de uso e de especialidades, bem como recorrer a corpora e utilizar seu conhecimento/ experiência na lexicografia.

Em relação ao número de entradas, Sarmiento (2002) recomenda cerca de 600 ecopalavras para um ecovocabulário inicial, enquanto o nosso até o momento soma aproximadamente 900 ecopalavras. Para mantermos a prudência devida a um projeto pioneiro, aconselhamos que o número de entradas gire em torno dos números estipulados aqui, algo entre 600 a 900, com pequenas variações para menos ou para mais.

Os critérios para selecionar as ecopalavras devem se basear na possibilidade dessas palavras apresentarem efeitos e resultados significativos no mundo/ natureza; na sua frequência nos corpora utilizados; na construção das acepções. Daí a importância de se relacionar os conhecimentos da Lexicografia e da Ecolinguística/ Ecolexicografia.

No anexo, ao final deste artigo, apresentamos uma lista de entradas de nosso projeto de ecovocabulário referente à letra A. Nela constam 47 entradas até o momento, caso seja necessário, o que consideramos pouco provável, incluiremos mais algumas, porém este número de entradas para a letra A pode aumentar caso as entradas *agro-* e *auto-* tornem-se demasiado



longas, fazendo com que os elementos existentes nelas sejam tratados como entradas distintas, como, por exemplo, *agronomia* e *agronegócio*, para a primeira, e *automóvel* e *automático*, para a segunda.

A seleção dessas 47 entradas mencionadas procurou se basear em corpora variado, que engloba textos educacionais, noticiários, orais (principalmente em sala de aula), e em dicionários de língua portuguesa, escolares e de biologia. Verificamos as palavras, enfatizando nomes e verbos, que foram mais discutidas ou que apresentaram uma frequência maior.

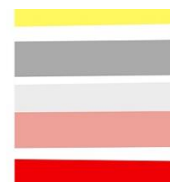
A 2ª etapa pode ser mantida separadamente ou ser feita simultaneamente com a 1ª, já que se trata apenas de montar uma equipe ecolexicográfica multidisciplinar, sendo formada por profissionais/ pesquisadores de diferentes áreas da Linguística (Lexicografia, Lexicologia, Semântica, Pragmática, Linguística de Corpus, Linguística Aplicada etc.), da Ecolinguística e de outras áreas (Biologia, Ecologia, Química etc.). Essa etapa é importante para manter o projeto ecolexicográfico de maneira realmente interdisciplinar, não privilegiando algumas áreas, tampouco se limitando à visão de mundo de um único pesquisador. Isso faz com que as ecopalavras sejam compiladas e definidas de acordo com a proposta ecolexicográfica.

Infelizmente, na etapa atual de nosso ecovocabulário ainda não conseguimos cooperação de profissionais de outras áreas, porém já contatamos alguns, sendo que obtivemos respostas positivas apenas da área de Biologia. Os demais membros estão relacionados aos grupos de interessados em Ecolinguística, conforme mencionamos anteriormente.

A 3ª etapa se trata do trabalho ecolexicográfico propriamente dito, já que basicamente, em posse das entradas selecionadas, é a construção do verbete ecolexicográfico para cada ecopalavra, ou seja, elaboração das definições, abonações, exemplos, efeitos, resultados e demais informações complementares. Enfatizamos aqui que, apesar de a exposição desta etapa no texto deste artigo ser reduzida, esta é a principal parte do projeto e que requer maior tempo, trabalho e atenção dos autores.

Como nossa equipe é reduzida e ainda não obtivemos financiamento para a elaboração do projeto, a redação dos verbetes ocorre paulatinamente à medida em que algum dos membros da equipe consegue um tempo hábil para fazer. Esperamos que futuramente tal situação possa se modificar, com financiamentos de bolsas e verbas para o projeto, possibilitando a presença de investigadores das áreas de Linguística e afins, bem como bolsas de iniciação científica e de pós-graduação para incentivar demais alunos e para dar continuidade e fôlego ao trabalho.



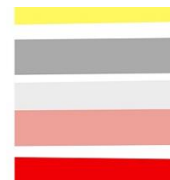


Sarmento (2002) chama atenção para o fato de que seria importante, quando o ecovocabulário for publicado, vir acompanhado dum texto inicial explicativo, porém não detalha quais conteúdos deveriam constar em tal texto, tampouco qual o gênero deste. Concordamos com sua ideia e a retomamos aqui. Por isso, optamos por colocar uma 4ª etapa para a redação desse texto inicial para quando a obra do ecovocabulário estiver completa. Porém, ainda não chegamos a uma conclusão definitiva a respeito do gênero desse texto, assim separamos duas opções as quais escolheremos uma delas ao final do projeto: um único texto em formato de capítulo que seria longo, pois deveria explicar as teorias ecolinguística e ecolexicográfica, como o ecovocabulário foi elaborado, recomendações de leitura e uso para fins de pesquisa, aprendizado e ensino, e as possíveis aplicações, relações com outras áreas e sugestões de práticas; a segunda opção, trata-se de manter os mesmos tópicos anteriores, da primeira opção, contudo, no lugar da elaboração dum capítulo explicativo englobando todos de uma só vez, cada um dos temas necessários a serem explicados seriam repartidos pela equipe ecolexicográfica, com cada pesquisador elaborando um texto menor e separado, sendo também de gêneros diferentes, podendo ser em formato de prefácio, introdução, artigo científico, tutorial, entre outros.

58

As duas últimas etapas (5ª e 6ª) são comuns a qualquer outro projeto de natureza científica, pois consistem nas seguintes: a 5ª etapa, na divulgação prévia e dos diferentes resultados, em eventos variados (congressos, encontros, workshop) das áreas afins: Linguística, Educação/ Pedagogia, Biologia/ Ecologia, Ecoletramento, entre outros; enquanto a 6ª etapa é o resultado final do projeto, com a redação do ecovocabulário já pronta, a equipe deve procurar apoio e uma editora interessada na publicação da obra.

Em relação à 5ª etapa, há alguns autores que iniciaram a divulgar os resultados iniciais, principalmente Albuquerque (2018a, 2018a, 2019), já citado no decorrer deste artigo, em breve esperamos poder apresentar mais resultados, da mesma maneira que novos pesquisadores possam vir a se interessar, pesquisar e publicar a respeito desse tema também. Enquanto que a 6ª etapa ainda é considerada como uma fase para longo prazo, já que o ecovocabulário se encontra em estágio inicial de elaboração, bem como seu desenvolvimento se dá paulatinamente. Assim, a publicação dum ecovocabulário ficará para os anos vindouros.



### Considerações finais

No presente trabalho, procuramos definir a Ecolinguística e a Ecolexicografia, bem como apresentar a situação atual de seus estudos no meio acadêmico e no Brasil (seção 1). Na seção 2, descrevemos as diferentes metodologias que a Ecolexicografia possui a sua disposição. Finalmente, discutimos a proposta de elaboração dum ecovocabulário, que consiste no ápice do projeto ecolexicográfico, abordando também as palavras ecológicas, ou ecopalavras, e sugerindo as etapas para a pesquisa/ elaboração de tal projeto.

Estamos cientes de que a Ecolinguística e a Ecolexicografia ainda se encontram em estágios iniciais, sendo apenas a primeira um pouco mais desenvolvida e reconhecida nas universidades, fazendo com que as pesquisas nessas áreas sejam pioneiras e, simultaneamente, difíceis e vagarosas para sua elaboração, já que surgem muitos desafios, sendo eles: obter membros para a formação duma equipe (grupo ou núcleo); conseguir bolsas e outros tipos de apoio financeiro; reconhecimento no mundo acadêmico/ científico e espaço para publicação.

Todos os desafios mencionados acima ainda são barreiras para o desenvolvimento da Ecolexicografia e das pesquisas relacionadas a essa área. Assim, este artigo procura contribuir, superar esses desafios e transpor tais barreiras por meio da divulgação da Ecolinguística e da Ecolexicografia, discussão de publicações e pesquisas anteriores e, finalmente, apresentar propostas para o surgimento de novos estudos, procurando também instigar aqueles que de alguma maneira se identificam com as temáticas abordadas aqui.

59

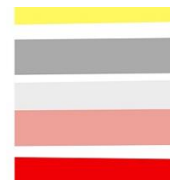
### Referências

ALBUQUERQUE, D. B. Palavras iniciais sobre a metodologia em ecolinguística. *Via Litterae*, v. 7, n. 1, p. 131-142, 2015.

\_\_\_\_\_. As contribuições da Ecolexicografia à Lexicografia Pedagógica. *Domínios de Linguagem*, v. 12, n.4, p. 2066-2101, 2018a.

\_\_\_\_\_. Revisitando a Ecolexicografia. *Revista de Letras (UFC)*, v. 37, n.2, 2018b.

\_\_\_\_\_. Novas perspectivas para a Lexicografia: a Ecolexicografia e as palavras ecológicas e não ecológicas. *Revista (Entre Parênteses)*, v. 8, 2019.



ARAÚJO, G. P. 10 anos de ecolinguística no Brasil: percurso de sua afirmação como área dos estudos linguísticos em nosso país. In: COUTO, E. K. N. N. et al. (org.). *Linguística Ecolinguística - 10 Anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas-SP: Pontes Editora, 2017. p. 65-82.

ARDOINO, J. L'approche multiréférencielle (plurielle) des situations éducatives et formatives. *Pratiques de Formation – Analyses*. Paris VIII, n. 25-26, 1993.

CALVET, L-J. *Pour une écologie des langues du monde*. Paris: Plon, 1999.

COUTO, H. H. *Ecolinguística*. Estudo das relações entre língua e meio ambiente. Brasília: Thesaurus, 2007.

\_\_\_\_\_. O que vem a ser ecolinguística, afinal? *Cadernos de Linguagem & Sociedade*, v. 14, n. 1, p. 275-313, 2013.

\_\_\_\_\_. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. *Language Sciences*, v. 41, p. 122–128, 2014.

\_\_\_\_\_. Linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem* v. 01, n. 01, p. 47-81, 2015.

\_\_\_\_\_. A metodologia na linguística ecossistêmica. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 04, n. 02, p. 18-33, 2018.

COUTO, E. K. N. N. Dez anos de ecolinguística no Brasil: inovações e reinterpretações. In: COUTO, E. K. N. N. et al. (org.). *Linguística Ecolinguística - 10 Anos de Ecolinguística no Brasil*. Campinas-SP: Pontes Editora, 2017. p. 45-64.

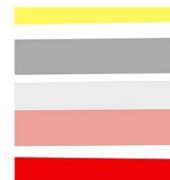
FILL, A. Language and ecology: ecolinguistic perspectives for 2000 and beyond. In: GRADDOL, D. (ed.). *AILA Review 14*. Applied linguistics for the 21<sup>st</sup> century. Londres: Catchline, 2001, p. 60-75.

FILL, A. Ecolinguística. A história de uma ideia verde para o estudo da linguagem *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.1, n.1, p. 07-21, 2015.

FILL, A.; PENZ; H. Ecolinguistics in the 21<sup>st</sup> Century. In: FILL, A.; PENZ; H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 437-443.

HALLIDAY, M. A. K. New Ways of Meaning: the Challenge to Applied Linguistics. In: FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). *The Ecolinguistics Reader*. Language, ecology, and environment. Londres: Continuum, 2001 [1990], p.175-202.

HARTMANN, R. R. K. Case Study: The Exeter University survey of dictionary use. In: HARTMANN, R. R. K. (ed.): *Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries*. Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999, p. 36-52.



HUMBLÉ, P. *Dictionaries and Language Learners*. Frankfurt am Main: Haag und Herchen, 2001.

LECHEVREL, N. *Les approches écologiques en linguistique*. Enquête critique. Louvain-La-Neuve: Academia Bruylant, 2011.

LEHMANN, A.; MARTIN-BERTHET, F. *Introduction à la lexicologie: sémantique et morphologie*. Paris: DUNOD, 1998.

MAKKAI, A. *Ecolinguistics. ¿Toward a New \*\*Paradigm\*\* for the Science of Language?* Londres: Pinter Publishers Ltd., 1993.

\_\_\_\_\_. Porque **\*\*Ecolinguística\*\***. *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v. 1, n.1, p. 22-37, 2015.

\_\_\_\_\_. Da gramática pragmo-ecológica à ecolinguística (1973-1993). *ECO-REBEL – Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem*, v.2, n.2, p. 44-48, 2016.

ODUM, E. P. *Fundamentals of ecology*. Philadelphia: W. B. Saunders Company, 1971.

PONTES, A. L. *Dicionário para uso escolar*. O que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

SARMENTO, M. S. Ecolxicography: words and expressions we should live by. In *Österreichische Linguistiktagung 2000*. 30 Jahre Sprache und Ökologie. Graz: Graz Universität, 2000.

\_\_\_\_\_. Ecolxicography: ecological and unecological words and expressions. In: FILL, A.; PENZ; H; TRAMPE, W. (ed.) *Colourful Green Ideas*. Viena: Peter Lang Verlag, 2002. p. 487-492.

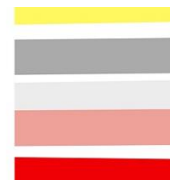
\_\_\_\_\_. Por uma ecolxicografia. *Confluências*, v. 2, p. 84-97, 2005.

SVÉNSEN, B. *Handbook of Lexicography*. The Theory and Practice of Dictionary-Making. Cambridge: CUP, 2009.

TRAMPE, W. Language and Ecological Crisis. Extracts from a Dictionary of Industrial Agriculture. In: FILL, A.; MÜHLHÄUSLER, P. (ed.). *The Ecolinguistics Reader*. Language, ecology, and environment. Londres: Continuum, 2001, p.232-240.

\_\_\_\_\_. Euphemisms for Killing Animals and for Other Forms of Their Use. In: FILL, A.; PENZ; H. (ed.). *The Routledge Handbook of Ecolinguistics*. Londres: Routledge, 2017. p. 325-341.

WELKER, H. A. *Dicionários*. Uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.



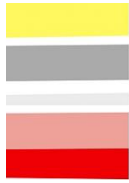
**ANEXO**

**Itens propostos do ecovocabulário**

**Letra A**

(Ainda sem definição e demais elementos. Ao todo são 47 entradas até o momento.)

a- (neg.)	Amarrar
Absorver	Ambiente
Abundância	Ambientalismo
Ação	Ameaçar
Acidente	Ampliação
Acúmulo	Ampliar
Acumular	Analisar
Adaptação	Análise
Adaptar	Animal
Aéreo	Antibiótico
Agregar	Antropocêntrico
Agricultura	Aptidão
Agro-	Aquecimento
Agronomia, agronegócio, etc.	Ar
Água	Área
Agudo	Areia
Álcool	Árido
Alfabetizar	Argila
Alfabeto	Árvore
Alterar	Associação
Amar	Atividade



AFLUENTE:  
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Atmosfera

Aumentar

Aumento

Auto-

Autossustentável,  
automóvel etc.

automático,

Avaliação

Avaliar

**Recebido em: 19 de junho de 2019.**

**Aprovado em: 01 de agosto de 2019.**